

OS SÍMBOLOS E A SIMBOLOGIA RELIGIOSA: O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA

Ana Paula de Matos*

Resumo: Partindo do pressuposto de que todos os homens, desde seu aparecimento sobre a face da terra, tendem a se apegar a algo que julguem maior ou mais poderoso do que eles para explicar aquilo que a linguagem não soube expressar e que o dia-a-dia não pôde concretizar, este trabalho pretende fazer um estudo relacionando a função simbólica com o sentimento religioso para tentar explicar a importância e a necessidade dos símbolos na realização pessoal do indivíduo. A Igreja Católica entra na discussão justamente no ponto em que entende o símbolo como mediador nas relações entre o homem e a divindade, tomando para si a responsabilidade de ligar o fiel a Deus através dos símbolos por ela institucionalizados.

Introdução

Símbolos assemelham-se a horizontes (...) Quanto mais deles nos aproximamos, mais fogem de nós... Rubem Alves

O período do século XIX foi marcado, sobretudo na Europa, pela crise de pensamento causada pelo pós Primeira Guerra Mundial (superação do cientificismo filosófico, renascimento do interesse religioso, novas experiências políticas e literárias) e também pela descoberta de várias outras culturas não europeias, como Ásia e África, no cenário histórico mundial. Assim, como reação ao cientificismo, ao racionalismo e ao positivismo é retomada uma discussão abandonada durante o século XVIII e que se estenderá por todo século XX acerca dos símbolos.

Tal retomada foi muito importante na história europeia, pois redescobrir o valor cognitivo dos símbolos fez com que os europeus atentassem para o fato de que eles não eram os únicos a “fazer história”, que podiam também contar com uma esfera cultural completamente diferente da sua e que contribuiria, em muito, para os avanços nos estudos sobre a simbologia nas diversas áreas de pesquisa: psicologia, antropologia, história.

Desta maneira, a grande quantidade de pesquisas que foram surgindo fizeram com que pudéssemos entender um pouco mais a fundo, mas não tudo, das estruturas do

* UNESP. *Campus* de Franca.

pensamento simbólico e dos símbolos em si, que mostrando que não eram apenas figuras ou imagens sem sentido de um inconsciente perturbado, mas sim uma expressão daquilo que não poderia ser explicado pela linguagem falada ou escrita, isso quer dizer que os símbolos passaram a ser entendidos como estruturas usadas para demonstrar ou explicar fenômenos ou ações que não têm uma ligação concreta com o dia-a-dia. O símbolo entra em ação justamente quando a realização de um ato não se torna possível, por isso, ele se torna, de certa maneira uma “testemunha das coisas ausentes, saudades das coisas que ainda não nasceram...”¹.

Portanto, pode-se dizer que a descoberta mais importante feita acerca dos símbolos diz respeito à impossibilidade de uma realização completa do homem em sua existência, pois é devido a essa insatisfação que o homem perde-se em sua historicidade para se reencontrar com sua linguagem interior, como diria Mircea ELIADE², o homem reencontra-se com o “homem primordial” existente dentro de si para ter uma experiência com um “paraíso perdido” de lembranças de sua existência, guardadas em seu subconsciente.

É desta maneira que, segundo CHEVALIER & GHEERBRANT³, quando os homens, mesmo que de culturas diferentes, se relacionam e reconhecem seus “laços de hospitalidade, suas dívidas ou sua amizade”.

Mas mesmo com uma vasta pesquisa direcionada aos símbolos, ainda não se chegou a um consenso quanto a eles, pois apesar de serem a explicação para várias coisas, ainda não conseguimos desvendá-los por completo.

Na verdade, seria inútil tentar traduzi-los em uma terminologia concreta⁴ pois este trabalho se tornaria uma operação absolutamente vazia e desprovida de sentido, já que seu significado se altera de acordo com a época a ser estudada. Sua manifestação depende do lugar onde está inserido na sociedade, principalmente, da cultura a qual

¹ ALVES, Rubem. *O que é religião?* 7 ed. São Paulo, Abril Cultural: Brasiliense, 1984, p. 22. (Coleção Primeiros Passos).

² ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 09.

³ CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 8 ed. ver. e amp. por Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 22.

⁴ Notemos que o símbolo faz uma “ligação concreta” com o dia-a-dia no sentido de “se tornar uma ação possível”; isto não quer dizer que ele possa ser explicado a partir de “termos concretos”, isto é, o símbolo não pode ser explicado por uma definição limitada e generalizante.

⁵ ARRUDA, Pe. Arnaldo de M. *A mudez eloqüente das imagens: o culto dos santos e de suas imagens – história teologia, arte*. São Paulo: Imprima-se, 1969, p. 13.

pertence. Aqui, a símbolo é tratado como uma estrutura de representação de um sentimento, de uma crença ou de uma ação que não podem ser expressados por palavras.

Religião e Sentimento Religioso

A religião é a mais alta e atraente das manifestações da natureza humana. Ernest Renan

Sabe-se que o homem é um animal religioso.

Para alguns autores, a religião é uma forma de interpretação da alma humana, pois ela exterioriza as inquietações do espírito tentando pensar a realidade à partir da exigência de que o mundo faça sentido, tanto é que, segundo o Padre Arnaldo de M. ARRUDA “o paganismo não multiplicou os deuses ao infinito senão pela necessidade infinita que o homem tem da divindade”.⁵

Hoje, devido ao desenvolvimento científico, a religião foi afastada dos centros de saber e, aos poucos, está se afastando dos homens pois passou-se a, erroneamente, acreditar que o homem religioso é aquele que vive no mundo encantado e mágico do passado.

Mas, como já foi dito, o homem precisa da religião e esta sempre exerceu uma relação intrínseca com o seu imaginário. A imaginação contribui para a sobrevivência do homem no sentido de que expressa todo o conjunto de relações entre ele e Deus tanto em caráter subjetivo, como objetivamente: através de cultos, orações e rituais, abrindo caminhos para a busca espiritual, fazendo com que os desejos que não puderam ser realizados no plano presente possam ser realizados em outro plano – o do espírito, onde a imaginação pode se desenvolver plenamente.

Assim, percebe-se que a religião está mais perto do homem e da ciência quanto imagina-se – ou gostaria-se – e é isso que torna os homens diferentes de qualquer outro animal, pois enquanto os últimos têm a vida determinada pela natureza, estão submetidos a sua força; os primeiros conseguem traçar o seu próprio caminho, recusando e dominando as forças naturais através da permanente negação dos imperativos de seu corpo e de sua alma.

São essas negações e a busca incessante do sentido da vida que, quando mal respondidas pelo dia-a-dia fazem surgir, aos poucos, um sentimento que também está intimamente ligado à religião, mas que não depende direta e completamente dela e sim de acreditar que aquilo que se busca pode ser conseguido de uma maneira ou de outra, a este “acreditar” daremos o nome de “sentimento religioso”, que é definido por Félicien CHALLAYE como:

“... a mais complexa inclinação que se pode descobrir no fundo do coração humano: em torno dessa tendência fundamental agrupam-se todas as espécies de aspirações, de entusiasmos, de curiosidades, de pensamentos sutis sobre a Vida, sobre o Universo, sobre o Além; todas as espécies de inquietações dolorosas e de exultantes alegrias”.⁶

Podemos entender por este sentimento religioso como um conjunto de crenças e ações que fazem parte da vida de qualquer ser humano. Sua base é acreditar em algo superior ou mais elevado espiritualmente que explique e justifique todo o Universo e que não seja, obrigatoriamente, o Deus criado pela Igreja Católica.

Para o homem religioso o sagrado tem um grande valor, pois participar de suas manifestações é participar da realidade divina; mas devido à dessacralização da sociedade, o homem moderno tem encontrado dificuldades cada vez maiores para se encontrar com as dimensões espirituais do homem religioso da sociedade arcaica. Hoje, pode-se dizer que a diferença entre o homem religioso e o não-religioso é sua maneira de ver o mundo: o que para um pode ser encarado como um ato divino ou como um ritual, para o outro pode não passar de um ato orgânico; mas também pode-se afirmar que o sagrado e o profano podem se manifestar simultaneamente em uma mesma pessoa dependendo da experiência de vida que ela tem.

Assim, mesmo que os filósofos venham tentando nos convencer de que o homem é uma animal meramente racional, o que sente-se acontecer nos prova o contrário. Como explicar a opção humana de recusar-se a seguir os princípios da impostos pela natureza a fim de buscar respostas às suas inquietações mais complexas mesmo que estas respostas estejam longe demais para serem compreendidas?

⁶ CHALLAYE, Félicien. *Pequena história das grandes religiões*. 2 ed. Trad. Alcântara Silveira. São Paulo: IBRASA, 1967, p. 13.

Desta maneira, é possível distinguir a diferença entre a intenção e a realização desse ato de busca, pois nem sempre um leva ao outro. E, quando o homem sai procurando por respostas, paz, “amor e prazer e se defronta com a rejeição, a crueldade, a solidão, a injustiça, a prisão, a tortura, a dor, a morte (...) sobra apenas a esperança de que, de alguma forma, a realidade se harmonize com o desejo”.⁷ É aí, então, que a realização de todas essas intenções se transferem para a esfera dos símbolos, assim, não podemos contemplar o desenvolvimento humano somente por seus triunfos técnicos e práticos, pois é justamente no ponto onde eles fracassam é que surgem os as estruturas simbólicas: como uma bóia salva-vidas atirada ao mar logo depois de um naufrágio.

Igreja Católica e Simbolismo Religioso

A complexidade e a vastidão do campo simbólico explicam a disparidade de interpretações, sobretudo quando se trata do simbolismo religioso e da Igreja Católica.

Pode-se dizer que a Igreja surge, desde os seus primórdios, como uma instituição que serviria para ordenar e padronizar o sentimento religioso como um todo, criando uma religião que regulasse ao máximo todas as formas de culto, orações e rituais, para controlar mais de perto, e, efetivamente os fiéis que haviam se convertido a tal fé; mas, em contrapartida, acaba mergulhada em muito daquilo que era seu objetivo eliminar, pois para que pudesse convencer/converter o novo “rebanho”, teve que se apropriar de muito do que lhe era externo, assim, mesmo modificadas, muitos aspectos atribuídos às religiões pagãs permaneceram em seu seio, principalmente os símbolos.

Simbolismo Religioso na visão da Igreja Católica

Para a Igreja Católica, a compreensão plena dos símbolos é impossível fora do contexto litúrgico, pois mesmo que as outras ciências tentem estudá-los só é possível ter uma experiência simbólica concreta dentro do contexto de fé a que ela pertence.

Desta maneira, de acordo com a dimensão simbólica existente na liturgia cristã, chama-se *campo simbólico* o “conjunto de elementos sensíveis em que os homens, seguindo o dinamismo das imagens, captam significados que transcendem as realidades

⁷ ALVES, Rubem. *O que é religião?* 7 ed. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984, p. 21-22. (Coleção Primeiros Passos).

concretas”⁸, portanto, nota-se que a experiência simbólica não está no mesmo nível em que se encontra a abstração dos conceitos, não podendo ser confundida/concluída como a percepção imediata que se tem da realidade concreta: pois antes de tudo, ela é uma forma intermediária (entre homem e objeto) de expressão que atinge tudo aquilo que há de mais pessoal no indivíduo, como sua sensibilidade, imaginação, memória, desejo, vontades, intuição, etc.

É aí que se dá a disparidade de interpretações já que, apesar de parecidas, as interpretações feitas por parte de estudiosos que estão fora do âmbito religioso diferem, em um ponto, das interpretações feitas por estudiosos religiosos: os primeiros levam em consideração a experiência simbólica como uma relação do homem com ele mesmo, entendem a palavra religião como re-ligar o homem aos seus símbolos interiores e até culturais; os últimos entendem a experiência simbólica como intermediária na relação entre homem e uma divindade qualquer e entendem a palavra religião como o re-ligar destes dois seres.

Assim, observa-se que no contexto religioso católico, o significado do símbolo apresenta-se mais restrito do que em outros contextos, pois equivale ao que se conhece no meio científico como signo, seu sentido torna-se mais limitado já que não há uma relação de presença entre significante e significado mas apenas uma realidade sensível que leva a um significado preciso. O termo símbolo, então, aplica-se tanto às formas concretas mediante as quais uma religião se explicita como ao próprio modo de sentir à experiência religiosa, isto é, o que define-se como signo e símbolo, separadamente, na religião, estes contextos estão reunidos em um só, e mesmo que se possa notar “algo mais” em sua definição isso vai depender de vários fatores, principalmente da influência social ou da ou da emergência de um novo arquétipo.

Segundo SARTORE & TRIACCA pode-se dizer que:

“Uma forma particularmente importante de símbolo religioso é o rito, que pode ser definido como ação simbólica, constituída de gesto ou palavra interpretativa, tendo uma estrutura institucionalizada de caráter tradicional, que favorece a participação comum e a repetição. As ações simbólicas mais típicas de cada religião estão geralmente ligadas aos momentos-chave da vida do homem, como referência construtiva em face dos maiores problemas da existência humana.

⁸ SARTORE, Domênico, TRIACCA, Achille M. (org.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 1142.

Quanto às atitudes interiores normalmente traduzidas por completo no cotidiano, reconhece-se que a atividade simbólico-ritual tem função de expressão mais integral, de intensificação, de socialização, de apoio, de formação permanente”.⁹

Os símbolos que se fazem presentes na religião católica são inseridos em sua tradição através da Bíblia, e nela, encontra-se, outra vez, símbolo e signo/sinal equivalendo-se. Na definição bíblica, o sinal é uma ação de Deus em meio do povo, pois nasce de uma concepção religiosa, que, em toda a história da humanidade, estabelece uma relação muito estreita entre Deus e seu povo fazendo com que todo acontecimento na comunidade seja uma sinal de Sua ação. No Antigo Testamento, os sinais falavam sobre rituais da religião hebraica (a páscoa, a circuncisão, a unção), e os lugares sagrados estavam sempre relacionados diretamente com Deus; o Novo Testamento segue a mesma linha de abordagem e linguagem do outro, mas agora enfoca a pessoa de Jesus Cristo, inaugurando uma forma de culto. Este novo culto inaugurado por Jesus Cristo é mais espiritual, pois dá aos apóstolos condições – espirituais – de prestar assistência aos discípulos à partir de novos rituais – batismo e eucaristia – e da instituição da Igreja Cristã. O sacrifício de Cristo selou esta nova aliança entre Deus e os homens,

“exatamente por isso, o culto cristão, embora na sua fenomenologia e nas leis psicossociológicas possa ser estudada como todas as outras formas religiosas, ele fica deturpado *sempre que* não se leva em conta a sua natureza profunda: ele é sempre participação sacramental no culto de Cristo, único pontífice da nova aliança; nas ‘ações sinal’ da igreja que reatualiza o seu mistério de salvação por meio de ministros instruídos para representá-los e agir em seu nome”.¹⁰

A evolução do simbolismo cristão deu-se através da influência de outras culturas, principalmente as culturas franco-germânicas, com as quais teve contato e que muito contribuíram para o aparecimento de novos símbolos e novos conceitos. O ápice desse evolução correspondeu ao período da Alta Idade Média, no século VI, onde a multiplicação de símbolos litúrgicos foi tamanha que a Arquitetura e as Artes foram sua maiores representantes, pois houve uma maior preocupação com a construção de lugares e templos sagrados. Foi nesse período também que aconteceu algo muito importante: com a ajuda dos papas, as crenças pagãs começaram a dissolver-se dentro

⁹ *Idem*, p. 1143.

¹⁰ *Ibidem*, p. 1145.

do cristianismo; que não se preocupou nem um pouco em englobar vários de seus aspectos, sem distinção, dando-lhes novo esplendor.

Mas, foi no período do século XII ao XIV, Baixa Idade Média, com a completa mudança de mentalidades, a perda de contato com a sagrada escritura, a interpretação alegórica e moralista dos símbolos, que a liturgia perdeu espaço para o intelectualismo, sufocando a teologia e o simbolismo; de acordo com alguns autores:

“Essa mudança radical de atitude diante do simbolismo da liturgia é apenas uma consequência da passagem progressiva da interpretação tipológica da Bíblia, que se baseava na continuidade entre a figura e a realidade, para uma interpretação alegórica já incapaz de abrir-se a perspectivas eclesiais e escatológicas. Por outro lado, a função diminuída e enfraquecida da palavra na liturgia, não mais compreendida pelo povo, favorece a ênfase dos ritos e a interpretação subjetiva e muitas vezes mágica dos mesmos, enquanto a perda do sentido vivo da presença de Cristo na ação litúrgica faz com que os sinais já não sejam percebidos e captados como relacionados com ele, o que leva a uma liturgia ritualista e desvinculada da vida das comunidades concretas. As consequências sobre o futuro da liturgia cristã no Ocidente foram muito graves: sem desconhecer a vitalidade religiosa da Idade Média e do período da contra-reforma, é-nos lícito observar que o fixismo, o rubricismo, o intelectualismo que dominaram durante séculos a vida litúrgica da igreja no Ocidente obscureceram não só a primitiva simplicidade e o simbolismo originário, porém com frequência também prejudicaram a visão da verdadeira realidade e do autêntico significado do culto cristão. Erradicados do seu ambiente bíblico e não mais esclarecidos pela palavra interpretativa, os sinais litúrgicos deixaram de ser o veículo para compreensão do mistério de Cristo e para a participação neles mediante a fé”¹¹.

Mesmo assim, os símbolos só puderam voltar a respirar quando o Romantismo surgiu como o conceito ideológico que os resgatou. Nesse período também acontece a “Reforma Litúrgica do Vaticano II”, que procura recuperar a liturgia como um conjunto de símbolos e significantes que pudessem participar mais de perto da vida do cristão.

¹¹ SARTORE, Domênico, TRIACCA, Achille M. (org.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 1147.

Considerações Finais

Percebe-se que a questão dos símbolos dentro da Igreja Católica não se dá por encerrada pois, sendo um assunto vasto, pode abrir caminhos para várias linhas de pesquisa; sendo assim, este trabalho enfoca apenas uma pequena parte da estrita relação entre os símbolos e a religião católica.

É possível notar que os símbolos sempre estiveram muito presentes não só na história religiosa como também na história da humanidade, pois desde que o ser humano adquiriu a capacidade de pensar, se relacionar e, principalmente, buscar uma explicação para sua vida, eles passaram a exercer o papel de representação dos ideais e explicações que não estavam visíveis no cotidiano.

O que aconteceu com a chegada da Igreja Católica, foi uma normatização de tais símbolos de modo que estes servissem ao seu objetivo, que era difundir a religião cristã para o mundo, foi por isso que a doutrina católica se apoderou de tantos símbolos que faziam parte de outras religiões, principalmente das pagãs, criando um sincretismo simbólico que levou o nome de liturgia.

A liturgia, como se sabe, é formada por todos aqueles símbolos que são utilizados durante o culto religioso e nas celebrações diárias, mas nem sempre foi assim, pois a Igreja Católica por muito tempo manteve longe dos fiéis todo tipo de simbolismo que remetia um contato mais direto com Deus. Foi só depois de muita contestação e reformas que os fiéis passaram a ter um maior contato com a liturgia cristã.

Assim, a diferença básica existente entre os símbolos católicos e os “pagãos” é que os primeiros sofreram uma padronização e muitas vezes estiveram longe da realidade humana enquanto que os segundos sempre participaram da vida do homem sendo ele cristão ou não.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *O que é religião?* 7 ed. São Paulo, Abril Cultural: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

_____. *O enigma da religião.* 4 ed. Campinas: Papirus, 1988.

ARRUDA, Pe. Arnaldo de M. *A mudez eloqüente das imagens: o culto dos santos e de suas imagens – história teologia, arte.* São Paulo: Imprima-se, 1969.

BRANDON, S. G. F. (dir.). *Diccionario de religiões comparadas*. v. 02. Madrid: Ediciones Cristandad, 1975, p. 1227-1228.

BRUGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. 1 ed. São Paulo: Helder, 1962, p. 453-456.

CHALLAYE, Félicien. *Pequena história das grandes religiões*. 2 ed. Trad. Alcântara Silveira. São Paulo: IBRASA, 1967.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 8 ed. ver. e amp. por Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

DANIÉLOU, J. MARROU, H. (org.). *Nova história da Igreja*. Dos primórdios a São Gregório Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1973, p. 5-230.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. *In: A interpretação das culturas*. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 213.

IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário teológico para a América Latina*. São Paulo: Edições paulinas, 1983. p. 409-415.

JOLIVET, Regis. *Vocabulário de filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1975, p. 193-194.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina: os colégios das irmãs de São José de Chamberry (1859-1919)*. 1988. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Igreja e educação feminina (1859-1919)*. Uma face do conservadorismo. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1996 (Coleção Prismas).

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. *In: SCHWARCZ, Lília Mortiz (org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 63-101.

SARTORE, Domênico, TRIACCA, Achille M. (org.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.